

Não é de hoje que falamos sobre a importância de programas de promoção de saúde nas empresas. Sejam voltados para a prevenção de doenças cardiovasculares, focados em mudança de estilo de vida ou mesmo para a “descompressão” do estresse, esses programas são fundamentais tanto do ponto de vista econômico e produtivo quanto (mais importante) para a qualidade de vida dos indivíduos – o que, em última análise, se reflete nos indicadores econômicos.

Para ser mais claro, o [estresse no trabalho está ligado a 7 das 10 principais causas de morte no mundo](#). Além disso, dados do [Global Wellness Institute](#) indicam que problemas emocionais dos trabalhadores, como estresse, custam US\$ 500 bilhões por ano aos contratantes em âmbito mundial. Absenteísmos, baixa produtividade e mesmo gastos com turnover de pessoal (demissão, processo seletivo, reconstrução etc.) são apenas alguns dos pontos que entram nessa conta.

Seja pela questão da qualidade de vida ou pelo viés econômico, empresas do mundo todo estão percebendo a necessidade de investir no bem-estar de seus colaboradores. O Global Wellness Economy Monitor, publicado pelo Global Wellness Institute, detectou que o mercado de bem-estar no trabalho movimenta apenas uma fração desse montante: US\$ 48 bilhões. Menos de 10% do que é perdido pela falta de políticas de promoção da saúde nas empresas. O que pode se justificar pelo fato de menos de 10% dos trabalhadores no mundo terem acesso a esses programas.

Não é preciso ir longe ou fazer algo mirabolante para ter programas de promoção de saúde efetivos para seus colaboradores. Como já apontamos [aqui no Blog](#), ações simples como o incentivo a uma alimentação mais saudável pode salvar vidas e garantir melhores resultados na empresa.

O Dr. Alberto Ogata, diretor da [Associação Brasileira de Qualidade de Vida \(ABOV\)](#) e avaliador do [Prêmio IESS de Produção Científica em Saúde Suplementar](#), explica como implementar programas realmente efetivos.

**Fonte:** IESS, em 09.05.2019.